



DISCURSO E MANIPULAÇÃO: UM ESTUDO CRÍTICO DE UMA REPORTAGEM NOTICIADA DE A GAZETA SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Giselle Lopes Souza Schaffer¹; Micheline Mattedi Tomazi¹

¹Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
Serra, ES,(55), Brasil

gisellesouza86@yahoo.com; michelinetomazi@gmail.com

RESUMO

O presente artigo propõe um estudo dos casos de agressão contra a mulher. Tema esse que é motivo de constante preocupação e discussão em dias atuais. Visto como uma ação coerciva de um grupo social sobre outro grupo, ou seja, abuso de poder, esta pesquisa pretende estudar criticamente os eventos em torno dos casos de agressão por meio das estratégias de manipulação presentes no discurso jornalístico, uma vez que se reconhece o alcance e influência das mídias e sua responsabilidade social. Isso sob a égide dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) que visa estreitar as relações entre poder e discurso.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em nossos dias, observa-se que o atendimento a mulheres vítimas de agressão em delegacias especializadas tornou-se fato rotineiro e crescente. Dados estatísticos indicam que o Brasil ocupa a 7ª (sétima) posição em relação aos casos de violência contra a mulher, num grupo de 87 países, são 4,4 assassinatos em cada 100 mil habitantes. Tais números são ainda mais alarmantes no que diz respeito ao Estado do Espírito Santo, que ocupa lugar de destaque no território nacional: são 9,4 assassinatos a cada grupo de 100 mil habitantes [1]. Essa realidade preocupante pode despertar indagações sobre o tipo de interação social mantida por homens e mulheres em tempos pós-modernos e como os casos de agressão podem revelar pensamentos de dominância dos homens sobre as mulheres.

Paralelo ao crescimento do número de mulheres que sofrem ou sofreram algum tipo de agressão está o aumento do poder de influência das mídias de massa. Uma das principais formas de acesso a esses casos de violência contra a mulher são as notícias e reportagens noticiadas sobre o assunto. Neste contexto, a relação entre o papel social dessas mídias e a realidade enfrentada por essas mulheres deve ser estabelecida e problematizada, uma vez que “esse poder das mídias é inegável e tem inspirado muitos estudos críticos em muitas disciplinas” [3].

Devido a grande responsabilidade e influência que as mídias podem exercer sobre o assunto, este trabalho subentende que o discurso midiático deve manter-se imparcial em relação aos casos noticiados nas reportagens, concebe-se, também, o princípio de que o discurso das vítimas e dos agressores precisa ser apresentado lado a lado em uma reportagem, por exemplo, ou que detalhes relevantes de eventos anteriores à agressão devam ser investigados pelo jornalista e relatados no texto, a fim de oferecer ao leitor a oportunidade de conhecer as experiências que resultaram nos discursos dos envolvidos nos casos e

oferecer-lhe a oportunidade de julgar adequadamente tais eventos, pois de acordo com van Dijk [4] todos esses princípios normativos fazem parte do código de ética do jornalismo “daquilo que conta como formas ‘legitimadas’ de interação e comunicação”.

Entretanto, elementos do código de ética jornalística, como os mencionados anteriormente, parecem não estar presentes nas reportagens noticiadas sobre violência contra a mulher no jornal *A Gazeta* no Espírito Santo, pois parece haver uma polarização dos casos a favor de uma das partes. Por isso o presente trabalho procura direcionar os olhares para os casos de violência contra a mulher por meio de uma análise do discurso jornalístico e de como a instituição jornalística mantém o acesso ao discurso das vítimas e agressores. E ainda, iremos investigar se há “manipulação” do receptor/leitor por meio de omissão de informações muito importantes, mentiras ou distorções de fatos na reportagem. Trata-se, portanto, de um estudo crítico de uma reportagem noticiada publicada no jornal impresso de *A Gazeta* em 02/09/2013..

Para tanto, encontramos nos Estudos Críticos do Discurso (ECD) desenvolvidos por van Dijk um modelo de análise que nos permite desvendar discursivamente os eventos e contextos responsáveis pela produção da reportagem e pela produção dos discursos dos envolvidos relatados por ela. Buscaremos, especificamente, nos conceitos de “poder” “discurso” e principalmente o de “manipulação” uma base teórica para esta análise. Deste último, trabalharemos sua manifestação discursiva por meio das estratégias de “vitimização dos receptor/leitor”, a “autoapresentação positiva” e a “outra-apresentação negativa”, compondo, assim, um conjunto de instrumentos teóricos capazes de apontar os elementos envolvidos nos processos de construção do discurso dos textos jornalísticos em torno dos casos de agressão contra a mulher.

1. OS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO E AS RELAÇÕES DE PODER



Nas últimas décadas, vive-se um momento de ascensão das publicações que, principalmente, voltam as atenções e pesquisas para uma produção engajada com a realidade dos grupos sociais pormenorizados, pois é nos Estudos Críticos do Discurso (ECD) que a luta contra as disparidades sociais provocadas pelo abuso de poder e dominância encontra-se com a pesquisa linguística.

Para os ECD um dos conceitos indispensáveis é o de poder. Aqui, não há uma relação de poder como uma relação de forças, poder é a capacidade de controle de um grupo sobre outro e quando um grupo social controla a liberdade de outro grupo social, caracteriza-se o “abuso de poder”. Um tipo de abuso de poder de grande relevância para este estudo é a “dominância”, entendida neste texto como uma forma de controle legalmente ilegítimo [3]. Vale ressaltar que o abuso de poder é controle e este apresenta uma dimensão cognitiva, a qual demonstra que o cerceamento da liberdade de um grupo pode ocorrer de maneira indireta, ao se utilizar muito mais o controle da mente do que o uso de força física [3].

Dentro do contexto das mídias de massa, principalmente, segundo van Dijk [3], é com a “manipulação” que o leitor deve se preocupar quando lê uma reportagem ou ouve um discurso político por exemplo, pois a “manipulação é uma prática comunicativa e interacional na qual um manipulador exerce controle sobre outras pessoas, normalmente contra a vontade e interesses delas” [3], assim podemos afirmar que manipulação é “abuso de poder”, ou seja, dominação. Isso a diferencia de uma forma de “persuasão”, pois a persuasão não controla a liberdade do receptor e o deixa livre para aceitar ou não os argumentos do persuasor.

A fim de promover um estudo da “manipulação”, entretanto, é preciso estabelecer as “condições sociais do controle manipulador, em termos de pertença de grupos, posição institucional, profissão, recursos simbólicos ou materiais e outros fatores que definam o poder dos grupos e seus membros” [3]. Neste contexto um jornalista/jornal pode manipular o público leitor ao abusar de sua posição social e seu poder de influência sobre ele. Portanto, a manipulação é nociva “uma vez que reproduz ou pode reproduzir desigualdade social” [3].

1.1 Estratégias da “manipulação” através do discurso

“A manipulação como é definida neste artigo, realiza-se por meio do discurso num sentido amplo” [3], assim o autor amplia o conceito de discurso ao incluir expressões não verbais, gestos entre outros textos que são objeto de estudo da semiótica. Este trabalho, contudo, vai se ater especificamente às categorias discursivas presentes nos modelos de contexto, ou seja, o processo cognitivo que

1.2 UM ESTUDO CRÍTICO DE UMA REPORTAGEM NOTICIADA DE A GAZETA.

Nos últimos três anos, principalmente no ano de 2013, o jornal A Gazeta tem publicado quase em regime diário notícias sobre casos de violência contra a mulher. Dentre as reportagens e notícias sobre o tema, escolhemos uma

controla como as coisas são ditas na situação em curso, ou em outras palavras, “o discurso é definido para ser, antes de tudo, manipulador, em termos de modelos de contexto dos participantes” [3].

Escolheu-se para este estudo a estratégia global da “autoapresentação positiva” e a “outra-apresentação negativa”, nas quais se culpa inteiramente o outro pelas atribuições de eventos negativos e exalta as características positivas de “nós”, sendo este o falante ou escritores/instituição. Elementos como estes estabelecem “o quadro ideológico usual da polarização de um grupo discursivo” [3] e isto quando acontece fere as normas de imparcialidade do código de ética jornalístico, por exemplo, e revela que para além da persuasão há manipulação e violação dos direitos do receptor, como supramencionado.

Outro ponto que deve ser avaliado num estudo crítico da manipulação é a questão de a linguagem em si não ser específica a ponto de desenvolver estratégias discursivas a serviço unicamente da manipulação, mas que esta, por sua vez, é que atua sobre a linguagem ao dar preferências a certos elementos em vez de outros. São os chamados “protótipos manipuladores”, certas “falácias” usadas como verdades dentro de um determinado grupo social que compartilham determinadas crenças a fim de justificar suas ações, como quando líderes religiosos condenam ou recomendam ações justificando-se na Bíblia sem motivar os fiéis a investigarem-nas no próprio texto bíblico, por exemplo, “dessa forma, introduzimos um critério contextual de que os receptores da manipulação (forma de abuso de poder), de alguma maneira precisam ser definidos como não detentores de recursos cruciais para resistir, detectar ou evitar a manipulação” [3] a este critério chamar-se-á de “vitimização dos receptores”, pois os leitores/ouvintes desses discursos polarizados podem ser definidos como vítimas e são concebidos assim pelas instituições/ grupos sociais manipuladores. Para a identificação desse processo de “vitimização do receptor” assumimos dois dos critérios listados por van Dijk:

- a) Ausência total ou parcial de conhecimento relevante – de forma que nenhum contra argumento possa ser formulado contra afirmações falsas, incompletas ou tendenciosas;
- b) Emoções fortes, traumas etc., que deixam as pessoas vulneráveis.

Esses dois elementos estratégicos, por fim, poderão contribuir para identificar se há reprodução e legitimação de desigualdade social pela instituição e seu discurso.

reportagem noticiada com características narrativas com o título “Empregada doméstica tem o corpo queimado pelo namorado”. A reportagem foi publicada em

02/09/2013 e apresenta uma pequena entrevista com a vítima.

A princípio, o título da reportagem e como certas palavras escolhidas pelo jornalista chamam a atenção, algumas palavras são enfáticas, é o caso de “empregada doméstica”, “corpo” e “namorado”. A vítima da agressão é identificada por sua profissão e, conseqüentemente, isso denota sua posição social. A presença dessa informação não parece ser indispensável para entender o caso, pois trata-se de agressão contra a mulher, e é isto que deveria estar evidenciado. No caso de “corpo”, o leitor poderá entender que todo o corpo da mulher (empregada doméstica) foi queimado, mas a própria reportagem explica que não foi todo o corpo, vejamos:

O homem jogou éter na vítima e riscou um fósforo; mulher teve ferimentos nos seios. Uma empregada doméstica de 33 anos teve parte do corpo incendiado pelo namorado, na madrugada de ontem, no bairro Jardim da Serra, município da Serra. [2]

Assim o uso da palavra “corpo” como um recurso metonímico, chama atenção ao leitor e pode provocar ou evocar a imagem de uma pessoa em chamas. Isso já faz parte da primeira estratégia de “manipulação” e “vitimização” do leitor/receptor, pois ele não conhece o fato antes de ser noticiado e já é sensibilizado pela imagem que resgata pelo uso de “emoções fortes, traumas, que deixam as pessoas vulneráveis” [3].

Outra questão de grande que deve ser criticada é a descrição dos atores (mulher e homem) envolvidos com a agressão, como eles são apresentados e os substantivos a eles atribuídos poderão definir o papel social por eles assumido no caso narrado pela reportagem:

O agressor jogou éter na mulher, acendeu um fósforo e ateou fogo acima dos seios da namorada, causando queimaduras. Já em casa, na manhã de ontem, após ser atendida e medicada em um hospital, a mulher conversou com a reportagem e contou o que aconteceu. A vítima relatou que estava em um bar próximo de casa quando, por volta das quatro horas, o namorado se aproximou e chamou por ela. “Ele já chegou me puxando para fora e jogando éter em cima de mim. Não sei direito o que aconteceu”, disse a doméstica. Desesperada e sentindo muitas dores a mulher pediu ajuda a um amigo. Ele chamou o socorro [2].

Pode-se perceber que não há um papel social estável como o de “vítima e agressor” na reportagem, seus papéis variam de acordo com substituição de palavras realizada pelo jornalista na construção do discurso. Apenas em um momento houve a presença da condição

de agressor e de vítima neste fragmento. Isto pode ser uma tentativa do jornal em amenizar a “autoapresentação positiva” do caso noticiado e a “outro-apresentação negativa” do agressor, como também, pode desestabilizar o leitor em sua análise sobre a condição dos envolvidos.

Entretanto, a fala transcrita da vítima destacada pelo jornalista confirma a “autoapresentação positiva” que o jornal faz do caso, pois ela afirma: “Ele já chegou me puxando para fora e jogando éter em cima de mim”. “Não sei direito o que aconteceu, disse a doméstica”, o fato de a vítima não conceber uma explicação para o evento aumenta ainda mais a possibilidade de o leitor se sensibilizar com o caso, “pois ele não é detentor de recursos cruciais para resistir, detectar ou evitar a manipulação” ou ainda o conhecimento parcial que o receptor possui dos casos não o permite formular nenhum contra argumento contra afirmações falsas, incompletas ou tendenciosas [3].

Após concluir o relato do evento ocorrido, o jornal, por sua vez, utiliza-se de sua influência enquanto instituição e adiciona um dado que, também, não poderá ser totalmente confirmado pelo leitor. O jornalista constrói a imagem do agressor como usuário de drogas e afirma que esta nova condição social ao agressor fora atribuída por “testemunhas”, observemos o fragmento:

O agressor, segundo testemunhas, estava transtornado pelo uso de drogas e, mesmo após praticar o crime contra a namorada, permaneceu deitado em uma calçada próxima à casa da vítima por algumas horas [2].

O leitor, por sua vez, não teve acesso ao fato na íntegra, não lhe é permitido acesso ao discurso das vítimas na fala espontânea, restando-lhe apenas ativar sobre o caso os modelos já construídos na reportagem, ou seja, o discurso da mídia influenciará diretamente a construção do discurso do receptor, uma vez que ele não possui contra argumentos, isto porque, ao mesmo tempo em que constrói seu discurso, o jornal ativa no leitor conhecimentos ou crenças socialmente compartilhadas, privilegia-se a ideia da mulher agredida ser sempre aquela que fora enganada, do contrário poderia fugir do conceito de vítima [4].

Ao final, uma parte da entrevista, em especial motiva indagações, pois ao questionar a vítima sobre o agressor apenas uma vez, surge a pergunta Ele bebe ou usa drogas? O envolvimento deste questionamento com as demais carece ser analisado, pois estaria o jornal de alguma forma induzindo o leitor a acreditar que a agressão foi provocada pelo uso de drogas? O uso de drogas, por sua vez, seria o real motivo da agressão? A vítima estava em um bar e, provavelmente, também consumiu bebida alcoólica seria isto também um agravante para o ocorrido? Estas perguntas só podem ser formuladas nesta pesquisa uma vez que a reportagem não apresenta uma cobertura completa para o caso, mas parece ter a intenção em deixá-lo em aberto, com poucos detalhes, ao se aproveitar mais uma vez do processo de vitimização do leitor, pois uma vez que haja a ausência de informações no texto o jornal não precisa recorrer somente a estruturas discursivas manipuladoras, algumas estratégias e estruturas podem ser mais eficientes que

outras no processo de influenciar a mente dos receptores de acordo com os interesses dos falantes/ escritos/ instituição [3].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] CPMI da violência contra a mulher chega ao Espírito Santo. Vitória- ES, 2013 disponível em <http://gazetaonline.globo.com/conteudo/2012/05/gazeta/minuto_a_minuto/1226256-cpmi-da-

[violencia-contra-a-mulher-chega-ao-espirito-santo.html](#)> acesso em 18 de jun 2013.

[2] MACIEL, PATRÍCIA. “Empregada doméstica tem o corpo queimado pelo namorado”. A GAZETA, Vitória, 02 setembro, 2013

[3] VAN DIJK, T.A. *Discurso e Poder*. Judith Hoffnagel, Karina Falcone (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2012.

[4] VAN DIJK, T.A. *Discurso e Contexto*. Rodolfo Ilari (Trad.). São Paulo: Contexto, 2012.